

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

IRENE DOS SANTOS OLIVEIRA DA SILVA

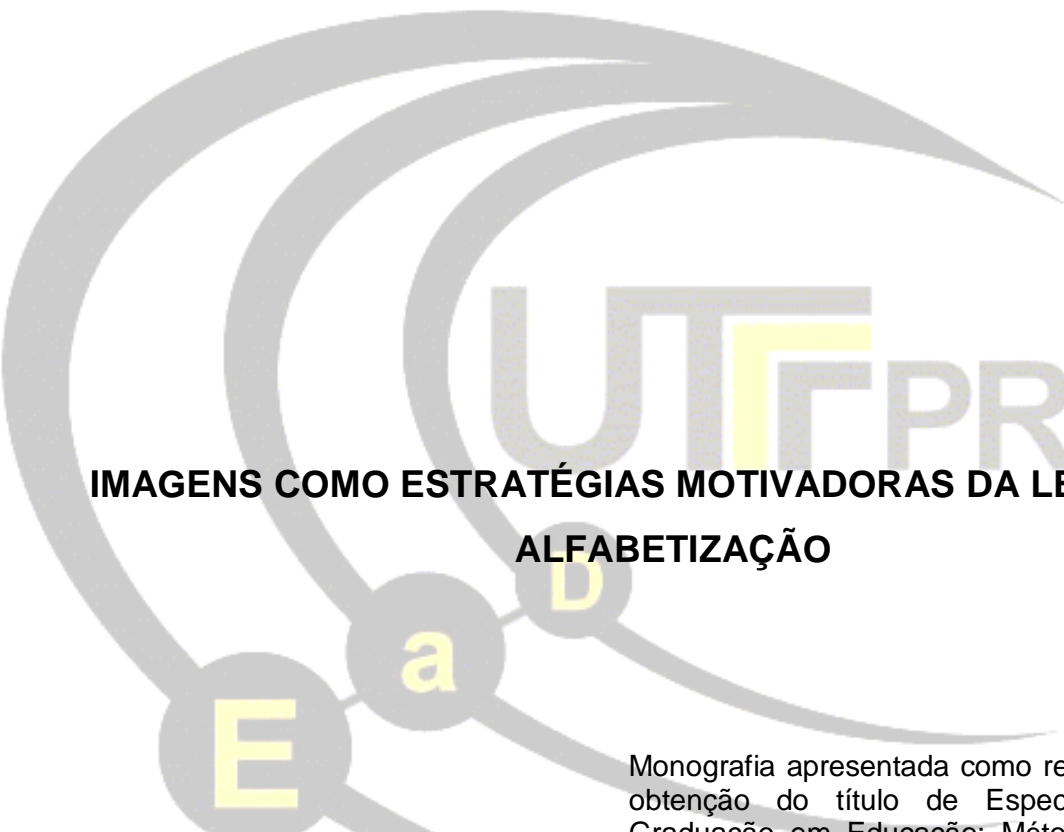
**IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS MOTIVADORAS DA LEITURA NA
ALFABETIZAÇÃO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

IRENE DOS SANTOS OLIVEIRA DA SILVA



**IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS MOTIVADORAS DA LEITURA NA
ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município Nova Londrina, Paraná, na Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientadora: Professora Maria Fatima
Menegazzo Nicodem

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

Imagens como estratégias motivadoras da leitura na alfabetização

Por

Irene dos Santos Oliveira da Silva

Esta monografia foi apresentada às 8h e 30h do dia 18 de outubro de 2014, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Pólo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após de liberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado.

Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem

UTFPR – Câmpus Medianeira

Orientadora

Prof. Dr. Cidmar Ortiz dos Santos

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Prof. Carlos Laércio Wrasse

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Dedico este trabalho a Deus Meu SENHOR
e Salvador.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradecer a Deus pelo dom da vida e por ter me concedido mais esta conquista.

Aos meus familiares, em particular meus filhos; por entender minhas ausências, nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora, Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa e aos professores da banca presencial, Cidmar Ortiz dos Santos e Carlos Laércio Wrasse, por toda colaboração nessa reta final do trabalho.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Campus de Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância, que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço a todos meus colegas da turma, obrigada por compartilhar momentos de muitas alegrias.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste estudo.

“A linguagem visual nos domina no mundo lá fora e não há nenhuma preocupação dentro da escola em preparar o aluno para ler essas imagens. O público quer conhecer; falta educação para a arte”.

Ana Mãe Barbosa

RESUMO

SILVA, Irene dos Santos Oliveira. **Imagens como estratégias motivadoras da leitura na alfabetização**. 2014. 48 folhas. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática a alfabetização tendo como motivador a leitura de imagens, partindo do princípio de que a alfabetização deve ocorrer junto com o letramento onde a leitura de imagens desde a Educação Infantil é um trabalho que precisa ser realizado. Sabemos que nem todos os livros disponíveis hoje nas bibliotecas escolares são de excelente qualidade para o trabalho voltado a antecipação de sentidos e de leitura. Assim, a linguagem imagética deve ser trabalhada por meio de atividades planejadas e preparadas com objetivos estabelecidos em um planejamento que valorize os livros disponíveis no ambiente escolar. Saber utilizar as imagens como linguagem de expressão do texto determina a denominação desse gênero textual. Colocar as crianças por meio de atividades em confronto com a leitura e escrita mesmo não estando alfabetizado por meio das imagens, dessa forma, o preparo do professor para a mediação desse trabalho pedagógico é imprescindível para o desenvolvimento dessa competência.

Palavras-chave: Linguagem visual. Gênero textual. Antecipação. Lúdico na Aprendizagem.

ABSTRACT

SILVA, Irene dos Santos Oliveira. **Images as motivating strategies in reading literacy**. 2014. 48 folhas. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work was themed literacy as having motivating reading images, assuming that literacy should occur along with literacy where the reading of images from kindergarten is a job that needs to be done. We know that not all books available in school libraries today are excellent quality for the job facing the anticipation of meaning and reading. Thus, the imagery language must be worked through planned and prepared with goals set in a plan that values the books available in the school activities. Know how to use the images as a language of expression of the text determines the name of that genre. Put children through activities in confrontation with reading and writing even though not literate through images, thus the preparation of teachers for the pedagogical work of mediation is essential for the development of this competence.

Keywords: Visual Language. Genre. Anticipation. In Playful Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 O CONCEITO DE LEITURA: ELEMENTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS	17
2.2 A LINGUAGEM NÃO VERBAL E A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO	19
2.3 A LEITURA DE IMAGENS: OS ALUNOS CONSTRÕEM HIPÓTESES	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	29
4 ANÁLISE DAS REFLEXÕES TEÓRICAS	30
4.1 PERSPECTIVA DOS PROFESSORES	30
4.2 PERSPECTIVA DOS ALUNOS.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45
Anexo A.....	47
Anexo B.....	49

1 INTRODUÇÃO

Um fazer educativo problematizador e mediador, para a era das relações que buscam a diversidade cultural e promovem as transformações exigidas para o momento, esse é o desafio para o desenvolvimento do cidadão da sociedade atual? Entender a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento por meio dos gêneros textuais em sala de aula, por meio de seleção de estratégias que utilize a leitura de imagem possibilitando-se aos alunos um conhecimento de mundo amplo e favorável à construção de conhecimentos.

Dessa forma propôs-se a realização deste trabalho como mediação para a consolidação da aprendizagem de leitura e escrita dentro de uma perspectiva que abrange múltiplas linguagens. Assim, entende-se que a leitura de imagem antecede a leitura das palavras, e assim sendo, ambas devem ser trabalhadas com igual importância.

Nesse contexto, esta monografia se encaminhou para buscar elementos que elucidassem os diversos sentidos atribuídos a alfabetização e pesquisar sobre as contribuições significativas que produzem historicamente o conhecimento sobre a alfabetização em resposta aos desafios de ensinar as novas gerações a ler e a escrever.

Sob o enfoque pelo qual o letramento pressupõe comportamento e habilidades para o uso da leitura e da escrita em práticas sociais, e que o mesmo nem sempre acontece com o processo de alfabetização, sugere-se um fazer educativo que vise um ensino a partir da práxis problematizadora e mediador dos saberes acumulados culturalmente.

Nesta análise, este estudo fez uso da concepção sociointeracionista. Tomou-se como referência, entre outros autores, as produções de Magda Soares, que ressaltam o conceito de letramento como surgido da necessidade de se configurarem condutas e práticas sociais de leitura e escrita que ultrapassam o domínio do sistema alfabético e ortográfico, sendo então necessárias adequações em relação aos métodos utilizados até então para os anos iniciais do ensino fundamental.

O estudo parte do princípio de que a alfabetização deve ocorrer junto com o letramento a leitura de imagens desde a Educação Infantil é um trabalho que precisa ser levado em consideração nesta etapa da escolarização da criança. Os livros

disponíveis hoje nas bibliotecas escolares são de excelente qualidade para o trabalho voltado a antecipação de sentidos e de leitura.

Nessa concepção, a linguagem imagética deve ser trabalhada por meio de atividades planejadas e preparadas com objetivos estabelecidos em um planejamento que valorize os elementos visuais disponíveis no ambiente escolar.

Saber utilizar as imagens como linguagem de expressão do texto determina a denominação desse gênero textual. Dessa forma, colocar as crianças por meio de atividades que confrontem a leitura e a escrita mesmo não estando alfabetizadas, por meio de imagens, assim, o preparo do professor para a mediação desse trabalho pedagógico é imprescindível para além de alfabetizar também letrar.

O objetivo geral desta pesquisa procurou demonstrar novas concepções de alfabetização e letramento com base da leitura da imagem.

Como objetivos específicos, elencam-se: pesquisar o conceito de leitura, uma vez que ele não se restringe exclusivamente a elementos verbais; demonstrar formas de contribuir por meio da linguagem não verbal a construção de um sujeito crítico e participativo por meio da argumentação; construir hipóteses sobre como sistemas simbólicos, podem ser desenvolvidos a partir da linguagem não verbal por meio da utilização de imagens; e ainda, entender a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento por meio de imagens tendo em vista estabelecer relação com o mundo visual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Constata-se que a Educação, em vez de produzir as transformações necessárias para um desenvolvimento harmonioso do ser humano, se caracteriza por uma história construída à margem de políticas públicas marcadas pela exclusão. As ações desencadeadas por nosso sistema de ensino para qual encaminham os excluídos desse mesmo processo necessitam serem revistos. A propósito disso, romper com os dogmas da educação prevê ainda um longo percurso a ser percorrido, pois, o cenário da Educação brasileira sob os quais sustentam a alfabetização, não tem claro em seus currículos os conteúdos que possibilitam ou promovem as habilidades e competências necessárias para essa dicotomia.

Observa-se que com o uso da linguagem falada, o ser humano posiciona-se, relaciona-se, comunica-se, enfim, por meio desse recurso pode promover sua inclusão no mundo, ou seja, é a linguagem a forma que nos diferenciam de outros seres vivos. Desta forma, a importância de um trabalho pedagógico que contemple os eixos da língua Portuguesa (oralidade, leitura, Literatura e escrita), por meio da intertextualidade tem que ser dialogada desde os anos iniciais de escolarização.

É na escola que os sujeitos poderão ascender do senso comum ao conhecimento científico, que é a função predominante da escola, fazendo com que o indivíduo tenha em sua escolarização o desenvolvimento que tenha como centro das experiências o ensino da língua.

Assim, pode-se ressaltar que por meio da linguagem não verbal podemos iniciar esse trabalho desde a Educação Infantil, ou seja, por meio de leitura de imagem levar os alunos a construir as competências necessárias para as habilidades de leitura e de escrita.

Teoricamente, tem-se um processo de alfabetização que é não desligado do letramento. Nesse ínterim, podem-se ressaltar os índices de analfabetismo funcional, ou seja, aquele que registra os que leem, mas não dominam com proficiência a interpretação, ou seja, não conseguem reconhecer nos textos escritos uma forma de comunicação de emancipação.

Apontamentos de estudiosos lembram que o percurso que se faz para alcançar a alfabetização e o letramento pode ser afirmado pela importância da leitura e da escrita em uma sociedade em que considera a escrita como condição para a emancipação acadêmica.

Dessa forma, a primeira grande invenção do homem relacionada aos processos escritos pode ser conferida aos sinais gráficos ou registros em formas de desenhos. Estes se constituem em sinais obsoletos com o uso de figuras que representam determinadas palavras utilizadas na forma escrita de comunicação. Mas não representa a língua em si, nem suas palavras. Assim, a primeira fase da história do desenvolvimento dessa forma de comunicação.

A segunda invenção é representada pelos ideogramas, constituídos por abstrações simbólicas que visavam dar significados as palavras. Uma terceira forma foi a de buscar aliar os signos aos sons, dessa forma as e letras que sinalizam representativamente os sons da fala.

Como é possível constatar, do aparecimento dos primeiros pictogramas, forma inicial que os homens inventaram para se comunicar-se por escrito, até o desenvolvimento do sistema de escrito alfabético passaram por vários processos. A partir dessa invenção, séculos foram necessários para que a difusão desse sistema se tornasse uma preocupação educacional e seu ensino organizado qual os conhecemos na atualidade, ou ainda tornar-se um meio didatizado para esse processo.

No Brasil, o debate sobre essa necessidade de se entender o conceito de alfabetização é muito recente. Assim, até a década de 1940, eram consideradas alfabetizadas as pessoas que declaravam saber ler e escrever e que assinavam o próprio nome para comprová-lo. Ensinar a população a ler, escrever e contar era desenvolver essa habilidade de ler apenas um texto simples.

Se forem analisados os métodos de alfabetização na história da educação brasileira, veremos que a prática da leitura e da escrita teve em relação ao domínio da linguagem, é marcada por teorias tradicionais.

Sendo assim, o histórico da alfabetização no Brasil distancia-se do ideal de propiciar ao sujeito um desenvolvimento crítico e participativo, pois em sua proposta educacional não busca desenvolver no aluno as bases de sustentação para essa competência. Mudanças de paradigmas são necessárias para que a redemocratização escolar realmente aconteça de forma a superar essas lacunas que presenciamos por um currículo excludente e elitizado.

Portanto oportunizar ao aluno à transformação por meio dos conteúdos escolares não é um investimento com o qual nossos governos priorizam. Diante desse quadro, baseando-se em autores como Soares, Bakhtin e Marchuse, que nos

remetem a análise de processos de alfabetização que reconhecem que apesar dos esforços pontuais dos sistemas de ensino estar acontecendo tendo em vista essa superação, ainda percebe-se, que isso não ocorre conforme deveria. Sabe-se que do ponto de vista da alfabetização e do letramento as consequências dessa priori tem apresentado de forma significativa a exclusão de uma grande parcela da população.

Embora já se possam perceber algumas mudanças nos discursos acadêmicos e oficiais sobre a alfabetização, evidenciando apoiadores de diferentes correntes teóricas, na prática, os índices elevados de não aprendizagem e evasão nessa modalidade ainda permanecem.

A responsabilidade desses índices recai muitas vezes sobre o professor que continua reproduzindo práticas pedagógicas e concepções e atitudes, sem demonstrar compreensão das evidentes mudanças necessárias para a sua ação em sala de aula, que as novas e crescentes demandas da linguagem escrita requerem.

Nenhum desses argumentos, no entanto, parece ser válido, pois esqueceram os economistas, que a educação das crianças está intimamente relacionada com os objetivos sociais, políticos e científicos, ou seja, para o desenvolvimento de uma nação. Dessa forma, além de um ser importante o conhecimento para subsidiar os encaminhamentos dessa caminhada, e alcançar esse objetivo é preciso assegurar acesso universal à cultura escrita, a famílias letradas, a comunidades letradas, a sociedade levadas, para isto seria necessário que a alfabetização fosse colocada no centro dos esforços e das reformas escolares.

Assim, pode-se dizer que os processos de alfabetização e letramento envolvendo desde sua história, seus referenciais teóricos, encaminhamentos metodológicos tendo como foco o ensino, a aprendizagem e a própria linguagem escrita evidenciam que nossa época demanda uma gama maior estímulos e recursos.

Sob este aspecto, é preciso entender que ensinar leitura e escrita exigem além da simples decodificação dos signos e sons, demandam sequencias claras e objetivas do que se ensinar requer além da simples memorizações e identificações de códigos linguísticos. É necessário ter a linguagem como uma forma viva de comunicação e que a mesma pertence a uma atividade prática na vida social é necessário permear de sentidos os conteúdos curriculares é despertar no aluno o

interesse e o entusiasmo e acima de tudo mostrar a esses alunos que é possível aprender de maneira prazerosa.

Dessa forma, transpor os conteúdos escolares permeado por ações favoráveis à aprendizagem. Tal situação supõe-se então, a superação da dicotomia entre alfabetizado e não alfabetizado busca-se compreender as habilidades de leitura e de escrita, que caracterizam o indivíduo capazes de inserir-se de forma adequada no contexto social, respondendo adequadamente às competências exigidas profissionalmente.

Em síntese, parte dos casos da alfabetização, foi atribuída ao período da Educação Infantil ou nos primeiros meses do primeiro ano das séries iniciais. Pensando desta forma, operar com a linguagem na etapa inicial da escolarização configurava-se um período de total ocupação por atividades que conduziam os alunos ao desenvolvimento de habilidades de coordenação motora com exercícios repetitivos, tais atividades voltavam-se à identificação e ao traçado de letras de forma insignificante.

Outro aspecto relevante é que a aprendizagem de ambos (alfabetização /letramento) acontece ao longo da vida, não tendo idade determinada para ocorrer. Assim sendo, passava-se a evitar atividades de leitura e de escrita.

No ambiente escolar o acesso aos textos restringia-se, na maioria dos casos, à prática de contar histórias com a utilização do livro didático. Esta ação se restringia a desconsiderar as práticas sócias educativas vivenciadas pelos educandos, considerando as práticas pedagógicas de tornar os textos escritos mais simples e a partir disso, com maior potencial de ser compreendido pelo aluno.

Como foi descrito, pode-se dizer que os conceitos de alfabetização tornam-se necessários a partir do momento em que é preciso considerar o discurso sobre a formação de um leitor/escritor.

Sob este aspecto, a visão contemporânea de leitura abrange múltiplas linguagens, dessa forma, as leituras de imagem antecipam e estimulam as crianças a ler textos não verbais, que é uma demanda crescente de nossa sociedade moderna. As imagens encontram-se presentes em todos os lugares, assim, pode-se sintetizar que a alfabetização e o letramento podem ser mediados com os textos de imagens, tanto para motivar discussões orais, quanto para desenvolver habilidades e conhecimentos relativos à apreciação artística e conseqüentemente competências para o progresso acadêmico.

2.1 O CONCEITO DE LEITURA: ELEMENTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS

Um ambiente alfabetizador, pressupõe um local com arranjos mediados por cartazes, figuras, alfabetários, cantinhos de leitura, de brincar, de jogos, ou seja, arranjos mediados por recursos que pressupõe a necessidade de ressignificação dos espaços escolares. No entanto salientamos que pouco adianta esses recursos sem o direcionamento do professor, com planejamentos adequados e atividades desafiadoras que promovam a aprendizagem de forma participativa.

Salienta-se também, sobre a importância de um bom planejamento que tenha como ponto de partida a rotina no ciclo de alfabetização, acrescida pelas práticas que levem em consideração a participação de todas as crianças. Assim, relacionar a alfabetização ao letramento é garantir antes de tudo um bom planejamento que considere as concepções de alfabetização como um processo de apropriação da língua escrita e de seu sistema de notação, não em conformidade de métodos uniformes, utilizados de forma padronizada para alfabetizar em séries.

Dessa forma, criar um ambiente alfabetizador, analisando e criando propostas de organização de rotinas de alfabetização, antes de tudo precisa favorecer retomada das diferentes aprendizagens. Portanto, é necessário pensarmos no planejamento por etapa, e para cada eixo do componente curricular, ou seja, é necessário organizar não apenas o ambiente, mas também a ação em relação às prioridades no ensino de cada sala ou turma.

Segundo Leal, (2010) corrobora no sentido de que,

A progressão da aprendizagem e do ensino é tema para os arranjos das organizações de ambientes em sala de aula, para isso a autora destaca que: “um ambiente alfabetizador para uma turma do terceiro ano não será organizado da mesma maneira que uma para turma do primeiro. (...) A rotina escolar, nessa dimensão, passa a ser um momento de escolhas e decisões didáticas e pedagógicas baseadas na reflexão sobre o agir e sobre as suas possibilidades. Para planejar é importante ter consciência dos direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização, estabelecendo uma progressão nas aprendizagens a cada ano. (LEAL, 2010, pg. 34).

Considera-se, então, nesse contexto a abordagem interdisciplinar no tratamento das informações e dos conteúdos, visto que dentre as habilidades que

precisam ser desenvolvidas pelos professores, uma das mais relevantes e difíceis, é a de identificar as necessidades de cada aluno e atuar ao mesmo tempo.

Teberosky (2003) afirma que o desafio de alfabetizar está posto. No entanto, sugere a reflexão de que é preciso o professor identificar os diferentes sujeitos que participam em sala de aula, sinalizando que diagnosticar as aprendizagens é saber organizar boas situações didáticas e para tanto se faz necessário que o ajuste seja previsto, pois, o conhecimento para ser ampliado é preciso antes de tudo considerar o meio social que o aluno vivencia.

O currículo privilegia apenas aquele aluno que vem de uma cultura letrada, com livros, textos— digitais ou em papel – um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo o momento esses escritos, que faz circular ideias que eles contêm, é chamada alfabetizadora”. Permitindo desta maneira, a inserção da língua escrita no cotidiano do alfabetizando, seja por meio de revistas, jornais, gibis, livros, cartazes, das palavras na lousa, ou de situações cotidianas, como outdoors, letreiro de ônibus ou metrô, caixas eletrônicos etc. (TEBEROSKY, 2003, p.78).

No entanto, como se dá isso em sala de aula? Como propiciar à criança atividades que as favoreçam na obtenção do domínio quanto à apropriação do Sistema de escrita Alfabética (SEA) e, ao mesmo tempo, ofereçam às capacidades que supram as demandas atuais. Eis o desafio do alfabetizador, mediar as atividades cotidianas, relacionadas com o interesse de cada aluno e pensar nos conteúdos, definir as metodologias relacionadas às diferentes áreas do conhecimento, articulando-as de forma a mediar os diferentes conteúdos e promovam a aprendizagem.

Nessa concepção, a importância da diversidade dos textos extracurriculares aliado a uma prática cotidiana dará início a uma rotina que se faz necessário a vida escolar dos alunos, visto que, muitos é o único lugar que presenciam a necessidade desse tipo de formação.

O espaço escolar, nesse ponto de vista, não se limita apenas a sala de aula, toda a escola deveria ser organizada para estimular a leitura e a escrita, incorporando os meios de comunicação disponíveis e as tecnologias. Organização que seria adequada para que os resultados da responsabilidade sobre a alfabetização que recaí muitas vezes sobre o professor mudem e dessa forma, os espaços apoiadores dentro e fora da escola possam de alguma forma também participar de maneira intencional na formação desse aluno. Parafraseando Soares

(2003), a alfabetização e o letramento são processos diferentes, porém, ambos necessitam ser desenvolvidos ao mesmo tempo.

Portanto, é preciso explorar o conceito de leitura por meio de atividades que possibilitem a participação de variadas experiências, onde as crianças possam se envolver ao mesmo tempo com leitura e escrita, assim, entendemos que para essa demanda o aconselhável seria o uso das diferentes tipologias textuais que circulam na esfera social.

Nesse contexto, faz-se pertinente a reflexão sobre as diferentes formas de organização do trabalho pedagógico, especialmente sobre projetos e sequências didáticas na alfabetização, pois por meio desses encaminhamentos podem-se elencar os diferentes componentes curriculares, onde o diálogo entre os conteúdos podem favorecer a realidade dos alunos que por vezes é desconsiderado do centro da alfabetização. Ou ainda, quanto acontece o discurso da necessidade de se partir da realidade do aluno por vezes é transformado em sem consistência, contribuindo para uma estranha associação entre currículo para classes populares com a redução de conteúdos e tipos diferenciados de avaliação. Isso não é o que se aconselha partir da realidade da realidade do aluno não significa que os temas a serem desenvolvidos fazem parte da realidade material como forma inicial de encaminhamentos, para que os conteúdos façam sentido ao aluno. Ou seja, partir de atividades que tenham significados e importância, mas que os mesmos necessitam serem aprofundados, pois é a função da escola desenvolver os conhecimentos científicos.

2.2 A LINGUAGEM NÃO VERBAL E A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO

A alfabetização, na perspectiva do letramento, é um dos pressupostos adotado em consonância com as metas do PNE (Plano Nacional da Educação), em uma perspectiva que supere a simples decodificação das letras, e símbolos.

Para tanto, a organização de um ensino que realmente vise essa a construção dessa competência precisa assumir além do desafio de alfabetizar em uma elaboração de estratégias que superem as práticas até então. Que levem em consideração que aprendizagem se entrelaça com os conhecimentos prévios, experiências pessoais e sociais, ou seja, as informações com que esse aluno chega

até a escola devem ser consideradas, mas também potencializar a novos conhecimentos. Dessa forma, aprender em sala de aula não depende, portanto, de uma simples aceitação igual e passiva do discurso do professor.

A proposta do letramento surge a partir de indicadores demonstrarem o quanto se tem sobre os analfabetos funcionais, ou seja, sínteses de indicadores que permitem constatar que a desigualdade em que se encontram os cidadãos brasileiros tem sido determinada, principalmente, pela renda, pela cor, pelo trabalho e pela educação. O fato é que com relação ao domínio da linguagem, assustadoramente o índice se destaca o IBGE (2002) também destaca que, nos últimos anos a crise do desemprego que perpassa a sociedade e atinge fortemente e reforçam a necessidade de qualificação (educação).

A política educacional na última década tem permitido a universalização da educação básica no Brasil, a preocupação, no entanto, é que essa universalização se concretize também na qualificação da aprendizagem.

Dessa forma, a iniciativa por parte do Governo Federal ao lançar mão do Pacto nacional pela Alfabetização vem de encontro a superar essa lacuna na formação de nossas crianças.

Isto posto esperamos que a as reflexões acerca das práticas e das experiências de cada educador em sua formação continuada possam reforçar as ações pontuais para que se tornem universais.

Observa-se que uma da função social da educação escolar é o de preparar o cidadão para atuar na sociedade e conseqüentemente mudá-la, e dessa forma, pode-se observar que esta longe dessa função ser cumprida, dada as condições colocadas politicamente nas propostas colocadas em prática, assim, temos teoricamente ações que supostamente deveriam acontecer, mas que na realidade é tida ao contrário. Ou seja, o cidadão só poderá dizer que é cidadão se puder ter voz ativa na construção de leis que os regulamentam, e esse fato é mostrado que em um país que assiste aos desmandos políticos sem analisar o que esta ocorrendo.

Parafraseando o Educador Nilton Santos que diz que a maiores guerras são realizadas sentados, exemplifica-se com um educador que diz que não adianta o povo sair em ruas em brados e protestos, se não pensa por si mesmo.

Assim sendo, pode-se atribuir à Educação escolar essa lacuna. Os alunos entram e saem das instituições escolares sem terem a formação de autonomia no pensar, e, assim, são dirigidos pela lógica de uma sociedade marcada pela exclusão

que é gerada pelo capitalismo. Sabe-se que para o desenvolvimento dessa competência é preciso ir além dos conteúdos curriculares que sabemos e não vamos discutir nesse momento, mas tornam-se necessários para o entendimento dessa reflexão.

Ao identificar a realidade educacional atual, onde muitas crianças têm concluído sua escolarização sem estarem plenas mentes alfabetizadas, esse debate recai ao menos para repensar sobre o mínimo dos direitos que devem ser garantidos as crianças, que é o de se alfabetizarem.

Direito esse que é encontrado na Legislação educacional e em outros documentos legais como a Constituição Federal.

Sobre os direitos de aprendizagem com base legal é encontrado conceitos que merecem serem debatidos para que a efetivação dessa lei, assim como previsto no artigo 32:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de nove (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

(CONSTITUIÇÃO FEDERAL, Brasil, 2001, p.117).

Um desses conceitos refere-se à formação continuada do professor alfabetizador e sua valorização, tendo em vista o ensino elementar passarem por suas mãos e, assim, é esse profissional que esta no chão das salas de aulas, alfabetizando e conduzindo esse aluno para as habilidades sequenciadas que necessitam de ampliação de apoio pedagógico, enfim, um conjunto de ações que precisam ser revisto, acima de tudo a valorização desse professor que é um dos responsáveis nessa demanda.

Um dos elementos norteadores para o processo de ensino para o desenvolvimento das habilidades de argumentação nos alunos perpassa pela própria prática reflexiva do educador, demanda que sua ação prática/teoria/prática, necessita de operacionalizada nas análises de todos os pressupostos até então colocados.

Quando pensamos em alfabetização lembramos que alfabetizar todas as crianças supõe desafios e assim, precisamos que os atores envolvidos na educação escolar, repensem como oportunizar a formação para uma nova cidadania; é necessário trabalhar propostas que incluam um conjunto de ações materiais, e referenciais curriculares e pedagógicos a serem construídos e elaborados não apenas pelo MEC, mas pela comunidade escolar, que levem consideração que a educação é um fator determinante para a cidadania. Levando em consideração os fatos mencionados, é sabido que esse é um processo em longo prazo, no entanto, o quanto antes esse primeiro passo for iniciado melhor será.

Dessa maneira, os currículos escolares necessitam serem repensados no sentido de que não basta apenas garantir o acesso de todas as crianças brasileiras à escola e definir Direitos e Objetivos de como as crianças aprendem? É preciso estabelecer condições a todos os atores envolvidos nesse processo, como o caso do professor alfabetizador, por isso acredita-se que a formação das competências de argumentação seja um dos desafios contemporâneos apresentados a Educação escolar tendo em vista a superação dessa escola excludente que de formar cidadãos crítico, encontramos apenas em suas Propostas Pedagógicas.

2.3 A LEITURA DE IMAGENS: OS ALUNOS CONSTRÕEM HIPÓTESES

Em relação ao sentido da leitura, e das práticas pedagógicas – algumas contribuições teóricas:

A escrita é um processo complexo que deve ser ensinado, a fim de que a criança o internalize e produza com autonomia: “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã. (VYGOTSKY, 1998, p.117).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) apontam que o fracasso escolar no Ensino Fundamental reside no que se refere à leitura e a escrita. Sendo assim, torna-se necessária uma reestruturação no ensino de língua portuguesa, para poder garantir, de fato, a sua aprendizagem.

Muitos trabalhos demonstram que conduzir os alunos ao mundo letrado é conhecer bem o objeto a ser ensinado, assim, o docente precisa conhecer bem o que os alunos sabem ou não sobre o objeto.

Partindo do pressuposto de que as crianças iniciam o ano letivo com diferentes conhecimentos e capacidades é o ponto principal para a ação mediadora é partir desse princípio.

Dessa forma, o recomendado é o diagnóstico inicial para que o mesmo seja o norte de seu planejamento e de suas estratégias didáticas e não para exclusão das crianças. Em relação a esse diagnóstico inicial, constata-se que a criança encontra-se em níveis diferentes de conhecimentos e capacidades, e são essas diferenças cognitivas ou comportamentais, entre as crianças que interferem na aprendizagem individual.

O levantamento de hipóteses a partir de um texto verbal colocará a criança que não teve essa oportunidade em total desvantagem, assim, a proposta de um trabalho a priori com os elementos não verbais trará a oportunidade de que oportunizem a participação de alunos que por ventura não tenham essa prática em seu cotidiano além de potencializar a construção de suas hipóteses sobre a leitura.

O poder da memória, a habilidade de adaptar o conteúdo da mensagem ao interesse do ouvinte, a inspiração para adequar-se às circunstâncias, a criatividade para motivar, o entusiasmo, que é uma espécie de combustível da expressão verbal, a determinação, a observação, a teatralização, a síntese, o ritmo, a voz, a respiração, a dicção (pronúncia do som), a velocidade da voz, o vocabulário, a expressão corporal (naturalidade do gesto, a posição da cabeça, a comunicação do semblante...), o conhecimento. (SOARES, 1999, p. 70).

Pode-se assim afirmar que a linguagem, pela sua natureza, é transdisciplinar, não menos quando é enfocada com objeto de estudo e exigem dos professores essa expectativa em situação didática e aprimoramento constante.

Os livros de imagens estimulam as crianças a ler textos não verbais, que é uma demanda crescente da sociedade moderna. As imagens estão presentes nas ruas, nos outdoors, nas revistas, nos livros. Também na esfera artística, a leitura de imagens é de fundamental importância. Saber lidar com pinturas, esculturas, fotografias, ilustrações, requer habilidades que podem ser estimuladas desde os anos iniciais na escola. Os textos de imagens podem ser usados pelos professores tanto para motivar discussões e projetos relativos às temáticas tratadas quanto para desenvolver habilidades e conhecimentos relativos à apreciação artística e argumentação. (LEAL; MORAES, 2010, p.63).

De forma complementar o trabalho pedagógico voltado para a construção de sentidos por meio de ativar conhecimentos prévios relativos aos textos a serem lidos pelos professores ou pelas crianças é fazer perguntas aos alunos sobre o que sabem, por exemplo, como um elemento vivenciado ou presenciado pelo aluno pode

ser encaminhado aos conteúdos escolares e assim, possibilitar a aprendizagem mais significativa, ao explorar o que e quem é o autor? Perguntar se os alunos conhecem livros do autor é outra forma de ampliar essa atividade.

Assim, ao explorar as imagens da capa, por exemplo, pode-se perguntar se os alunos sabem que sinal de pontuação é aquele e porque ele aparece na capa seria outra maneira de antecipar o texto por meio de leitura de imagens, enfim, são uma gama de possibilidade que se pode trabalhar para o aluno desenvolva as capacidades de atribuição de sentido a conseguintemente habilitar competências de compreensão além da alfabetização. Tudo isso pode ser realizado por meio da oralidade e trabalhar os eixos da Língua Portuguesa tais como a oralidade e escrita a leitura e a análise linguística.

Na busca de um entendimento sobre como a educação deve ser facilitadora da aprendizagem dentro da perspectiva rogeriana, sugere-se que o sujeito se constrói através da concepção que ele tem de si mesmo, ou seja, ele é fruto de experiências vividas em seu cotidiano, são as experiências que esse sujeito vai adquirindo que o torna humano, segundo essa teoria ao buscar a autenticidade implica auto conhecer-se, ser o que sou, na medida em que me aceito e me percebo meu limites coloco-me no lugar do outro, e então aceito o outro como ele é, independente da forma que o outro seja.

Para Rogers, o fracasso no contexto escolar acontece pela falta dessa aceitação. “A partir então desse auto conhecimento, aceitação e empatia”, nessa perspectiva:

“para que a educação facilite a aprendizagem, é necessário ter uma sala organização da sala de aula não diretiva tendo o aluno como foco, enxergar o aluno como sujeito, buscar uma aprendizagem continuada, exercitar, acrescentar novos saberes; aprender a aprender, dar ao aluno condições de aprender a direcionar suas aprendizagens e ressignificar a compreensão de conceitos, controlar, organização, auto avaliação, fazer uma leitura real dentro do feedback do grupo, o professor tem que ser aberto para o professor ouvir o outro, ser receptivo”. (ROGERS, 1998, p.86)

São alguns passos que a educação deve seguir para ser um elemento de emancipação dos cidadãos.

Nesse sentido, Mendonça e Leal (2005), complementa:

Em uma perspectiva sociointeracionista, os eixos centrais do ensino da língua materna são a compreensão e a produção de textos. Nessas atividades convergem de forma indissociável fatores linguísticos, sociais e culturais. Nelas os interlocutores são participantes de um processo de

comunicação e de interação, e, para isso, precisam ter domínio da mesma língua e compartilharem as situações e as formas como os discursos se organizam, considerando seus propósitos de usos e os diversos contextos sociais em que estão inseridos. (Mendonça e Leal, 2005, p.104).

Nesse sentido, vejo como sendo muito importante a previsibilidade de um planejamento, ter mais que uma ou duas atividades diferentes ou que tenham estímulos diferenciados e alternativos dentro de uma ação educadora, pensada em adaptações que visem à aprendizagem, mas planejar detalhadamente uma forma de aprendizagem até pode ser possível se tivermos uma sala homogênea, mas não como em uma educação tendo em vista a diversidade, como se apresenta a nossa não acredita ser possível planejar em detalhes esse aprendizado, pois como a própria teoria nos mostra o ambiente interfere e uma ação de aprendizagem requer todo um processo que envolva não apenas o professor, mas toda uma equipe.

Cabe então ao professor desenvolver um potencial em que o nível de conhecimento parta do real para em ponto de desenvolvimento potencial, ou seja, o professor tem que criar argumentos para que o aluno adquira novo nível de aprendizagem. Proporcionar recursos, instrumentalizar, e mediar para que ocorram novas competências.

No processo de ensino-aprendizagem propor desafios aos alunos e auxiliá-los nas resoluções é fornecer meios, pistas, promover situações que incentivem as crianças de elaborarem caminhos diferentes para se conseguir as respostas. Assim, através das intervenções, o professor pode contribuir para a formação de novos conceitos ainda não consolidados e para o aprimoramento de habilidades de pensar e raciocinar por si próprios. É fundamental que o professor favoreça atividades grupais, a fim de possibilitar as interações entre os alunos e destes com refletirmos ao compartilhar informações, socializar conhecimentos diferentes, e possibilitar que pensamentos divergentes possam estabelecer novos meios de conseguir uma comunicação que levem a construção de novos conceitos.

Neste sentido, a aprendizagem escolar implica uma constante reorganização de possibilidades de agrupamentos. Torna-se necessário que o professor tenha conhecimento do que para a ampliação de novos conhecimentos é oportunizar trocas de experiências que perpassam por práticas relacionadas aos diferentes eixos da língua portuguesa a serem desenvolvidos ao longo do processo de escolarização dos alunos.

Assim, acredita-se que os instrumentos e caminhos que possibilitam mediar e compartilhar esses conhecimentos comuns são por meio dos gêneros textuais, segundo autores contemporâneos são instrumentos historicamente mutáveis e relativamente estáveis que emergem em diferentes domínios e se concretizam em textos, que são singulares e devem fazer parte dessa estratégia didática para a formação de leitores e escritores tendo em vista a argumentação.

Tais experiências favorecem a alfabetização e ao letramento, no entanto, observa-se pouca incidência nessa interferência, assim, nem sempre são valorizados em sala de aula. É preciso conhecer essas práticas e vivenciar nas salas de aula para articular essa prática de tal forma que como exemplifica Freire:

(...) A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p.11 e 20).

Tal perspectiva demanda o envolvendo da leitura e a produção textual seja incorporada em uma rotina diária em sala de aula, tendo em vista a preocupação com o analfabetismo funcional, segundo a qual se pode atribuir ao favorecimento do pensamento autônomo no aluno.

Segundo Soares (2000, p.63) “Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada”.

Portanto são muitas as razões pelas quais os Gêneros são aconselháveis ainda nesse entendimento Bakhtin afirma:

Um dos objetivos da prática de ensino da língua materna é o de que o aluno saiba interpretar e produzir textos coerentes e com opiniões objetivas ao sair do ensino fundamental e médio. Portanto, é através da linguagem que os indivíduos interagem, pensam e produzem opiniões próprias. Com isso, crescem e tornam-se capazes de transformar a sociedade em que vivem. (BAKHTIN, 2003, p.78)

Para compreender como que o texto (leitura e produção), e o aluno (sujeito) podem ser tratados em sala de aula, primeiramente precisa-se ter o conhecimento das concepções de linguagem, pois serão elas que nortearão o trabalho do professor em sala de aula.

Geraldi (1997) confirma essa nova visão do que seria preciso ter em mente:

.... Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – quer envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula. (GERALDI, 1997, p.35).

Algumas concepções recentes de escrita são discutidas na literatura produzida no Brasil, segundo autores todas a partir dos pressupostos teóricos de Bakhtin e Volochinov (1992), Bakhtin (2003), e Vygostsky (1998), levam em consideração a escrita a partir de gêneros textuais são apresentados separadamente, contudo, suas caracterizações convergem em muitos aspectos, apenas citando algumas, tais como a escrita treinada e escrita espontânea; escrita com foco na Língua; dom de inspiração; como consequência; como trabalho.

Assim, nesse contexto desconsideram a linguagem como forma de pensamento e como um instrumento de comunicação, ou seja, desconsidera a linguagem como forma de interação humana.

Existem ainda concepções, em que a produção textual parte sempre de um título, de uma frase que expõe um tema ao aluno para que produza um texto, sem qualquer atividade prévia de sustentação de informação, ou mesmo de consolidação de ideias, onde o aluno apenas tem que articular as informações de maneira lógica do pensamento, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.

A escrita como ainda nesse universo, tem-se a escrita como consequência que é uma atividade que geralmente acontece após algum trabalho realizado em sala de aula ou extraclasse, de maneira à homogeneizada. O aluno é conduzido à realização de pesquisa, assistir um filme, a participar de uma palestra ou debate, em todas as situações a produção escrita normalmente é um relatório ou um resumo, que será visto pelo professor, não necessariamente, lido e corrigido. Assim, fica a impressão de que a penalidade por ter realizado uma atividade motivadora de interação, dentro ou fora da sala de aula é a produção de um texto escrito.

Nessa análise a escrita como trabalho em sala de aula ainda é desconsiderada como um processo contínuo de ensino e aprendizagem, em que há reais necessidades para o aluno escrever.

Assim as atividades prévias são essenciais para o ponto de partida para desencadear uma proposta escrita a partir dessa visão.

Nessa concepção de linguagem Cazarin (1995), define esta concepção da seguinte maneira:

A preocupação básica é levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas, sobretudo, ao desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que o cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social, isso é feito mediante a compreensão, a análise, a interpretação e a produção de textos verbais. (CAZARIN, 1995, p.5-6).

Desta forma, estudar a linguagem implica em vê-la como atividade social, portanto, são consideradas para esta concepção as variedades linguísticas, as diferenças de dialetos ou sotaques compreendem-se, então, o contexto de inadequado e adequado então cabe ao educador criar condições aos seus alunos para expressarem suas próprias experiências, isto significa colocá-los a par de outras possibilidades de se utilizar a forma escrita onde o mesmo pode usar em seu meio social.

Dessa forma, a intervenção com estímulos por meio de imagens nada mais é que uma das estratégias ou recurso disponíveis ao educador para mediar a construção dessas competências.

A interação entre o que falamos e o que escrevemos tem que estar em sintonia, é necessário que a linguagem seja clara, simples e direta. Sabemos que ao usarmos a escrita como forma de comunicação a responsabilidade de transmissão da mensagem de forma que chegue de maneira correta depende da maneira que a for utilizada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica, propondo uma discussão sobre o desenvolvimento da leitura por meio de imagens tendo como hipótese que a mesma favorece o processo de alfabetização e a formação do leitor. Tem como ponto de análise a literatura educacional que discorre sobre o tema em forma de um texto dissertativo, colocando as discussões em confronto com o levantamento de hipóteses elaboradas a partir de estudo bibliográfico de autores contemporâneos tais como Magda Soares, Renilson Menegassi, Marcuschi e Castanha.

Também foram utilizados procedimentos da pesquisa exploratória que, segundo Gil (2009), visa proporcionar maior familiaridade com o problema estudado, a fim de torná-lo explícito ou a construir hipóteses; tendo, portanto, como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas. Envolve levantamento bibliográfico, e entre outros recursos instrumentais, “entrevistas com pessoas que possuem experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão”. (GIL, 2009, p.75).

Dessa forma foi elaborado um questionário com 11 perguntas fechadas para 10 professores e outro questionário com 06 questões para 125 alunos, com base na teoria de alfabetização e letramento de acordo com os elementos norteadores do PNE (Plano nacional da Educação), em uma perspectiva que sugere a simples decodificação das letras e símbolos. A partir dos dados foram confrontadas as informações de acordo com a fundamentação teórica discutida no capítulo 2 sendo o norte para a tabulação dos dados de cada quadro levados em considerações os autores nominados no corpo do trabalho como forma de interpretar os resultados propostos a partir dos objetivos iniciais desse estudo.

4 ANÁLISE DAS REFLEXÕES TEÓRICAS

4.1 PERSPECTIVA DOS PROFESSORES

Participaram da pesquisa, respondendo o questionário 16 professores. A seguir, apresentam-se os dados em quadros e, na sequência de cada um, faz-se a análise com base na fundamentação teórica trabalhada no capítulo 2.

4.1.1 Quanto à elaboração e execução do plano de aula

QUADRO 1: Elaboração e execução do plano de aula considerando as orientações da proposta

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
SIM	2
NÃO	2
ÀS VEZES	3
SEMPRE	5

O Quadro 1 mostra que apesar da maioria dos professores terem respondido que é importante o trabalho com leitura de imagens, poucos levam em consideração em seu planejamento deixando ao acaso, ou seja, não observamos a intencionalidade dessa atividade de forma registrada. Não atribuem sua eficácia ao ensino das competências lingüísticas que as mesmas proporcionam no decorrer do processo de alfabetização. Pois segundo Leal e Moraes, 2010, salientam que por meio das leituras de imagens estimulam as crianças a ler textos não verbais, que é uma demanda crescente da sociedade moderna. As imagens estão presentes nas ruas, nos outdoors, nas revistas, nos livros. Os textos de imagens podem ser usados pelos professores tanto para motivar discussões e projetos relativos às temáticas tratadas quanto para desenvolver habilidades e conhecimentos relativos à apreciação artística e argumentação.

4.1.2 Quanto à presença de imagens no cotidiano escolar

QUADRO 2: As imagens presentes no cotidiano escolar

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
DVD, Placas, rótulos, computadores e folders.	03
Gibis, filmes, painéis	12
Obras de arte	12
Desenho	12
Revistas	12
Cartazes	12
Livros	12

O Quadro 2 mostra que é unânime a questão dos elementos visuais fazerem parte do cotidiano escolar, mas a priori ainda pelos professores é na versão impressa. Dessa forma Teberosky (2003) corrobora no sentido de afirmar que o desafio de alfabetizar está posto, no entanto, sugere a reflexão de que é preciso o professor identificar os diferentes sujeitos que participam em sala de aula, sinalizando que diagnosticar as aprendizagens é saber organizar boas situações didáticas. O fato de a imagem estar presente no cotidiano escolar é real, isso não significa que a partir dessa constatação os professores sejam os responsáveis por apresentar tais imagens aos alunos ou façam uso das mesmas no processo de alfabetização.

4.1.3 Quanto ao percentual de uso da imagem no cotidiano escolar

QUADRO 3: Percentual atribuído ao uso da imagem no cotidiano escolar.

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Até 20%	2
De 20,1% a 49,9%	3
De 50% a 79,9%	5
De 80% a 100%	2

O Quadro 3 mostra que é necessária uma formação mais condizente relacionada ao uso de imagem no cotidiano escolar e sua valorização enquanto instrumento pedagógico, mediador de elementos que fazem parte do processo de letramento. Soares (2003), a alfabetização e o letramento são processos diferentes, porém, ambos necessitam ser desenvolvidos ao mesmo tempo.

Portanto, é preciso explorar o conceito de leitura por meio de atividades que possibilitem a participação de variadas experiências, onde as crianças possam se envolver ao mesmo tempo com leitura e escrita, assim, entendemos que para essa demanda o aconselhável seria o uso das diferentes tipologias textuais que circulam na esfera social.

Como a leitura de imagem não é uma prática frequente no cotidiano escolar há a necessidade de um estudo e planejamento para preparação do professor.

4.1.4 Quanto aos lugares em que a imagem é encontrada no cotidiano escolar

QUADRO 4: Ocorrência de imagens no cotidiano escolar

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
DVD, Placas, rótulos, computadores e folders.	03
Gibis, filmes, painéis	12
Obras de arte	12
Desenho	12
Revistas	12
Cartazes	12
Livros	12

O Quadro 4 reafirma a questão do valor do material impresso, como se fosse apenas por meio desses a possibilidade de desenvolver algum tipo de trabalho voltado a leitura e escrita e ao letramento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) apontam que o fracasso escolar no Ensino Fundamental reside no que se refere à leitura e a escrita. Sendo assim, torna-se necessária uma reestruturação no ensino de alfabetização. Por meio desses elementos o aluno terá melhor entendimento e desenvolvimento da leitura de imagem que não vem a ser simplesmente mais um conteúdo entre tantos,

mas é um conteúdo em si, traz uma linguagem própria e que contribui no processo de alfabetização visual para o reconhecimento de elementos gráficos e na interpretação da mensagem que ela transmite.

4.1.5 Quanto ao desenvolvimento de leitura de imagem no processo de alfabetização

QUADRO 5: Desenvolve leitura de imagens no processo de alfabetização

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Sim	2
Não	6
Às vezes	4

O Quadro 5 mostra que a maioria dos professores desconsidera o uso de imagem no processo de alfabetização, ou seja, não tem atribuição enquanto elemento que podem fazer parte de sequências de atividades voltadas para a prática escolar. SOARES (1999) corrobora no sentido que “O poder da memória, a habilidade de adaptar o conteúdo da mensagem ao interesse do ouvinte, a inspiração para adequar-se às circunstâncias, a criatividade para motivar, o entusiasmo, que é uma espécie de combustível da expressão verbal, a determinação, a observação, a teatralização, a síntese, o ritmo, a voz, a respiração, a dicção (pronúncia do som), a velocidade da voz, o vocabulário, a expressão corporal (naturalidade do gesto, a posição da cabeça, a comunicação do semblante...), o conhecimento.

Dessa forma para poder decodificar uma mensagem é necessário saber ler seus códigos, fazer uma interpretação. Porém, saber ler é muito mais complexo e amplo do que simplesmente decodificar símbolos; representa muito mais, a conquista de uma dimensão humana aproximando-se das pessoas, em seu contexto, tempo e circunstâncias, aceitando e reconhecendo a diversidade cultural.

4.1.6 Quanto à forma como desenvolve a leitura de imagem no processo de ensino

QUADRO 6: Como desenvolve a leitura de imagem no processo de ensino

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Através de questionamentos	2
Observando imagens	3
Textos não verbais e elementos gráficos	3
Interpretações diversificadas através de palestras e oralidade	4

O Quadro 6 mostra que a oralidade ainda é desconsiderada do processo de aprendizagem, ou seja, por meio da leitura de imagens pode-se desenvolver uma gama de interpretações possibilitando a participação de todas as crianças, mesmo aquelas que ainda não dominam o código linguístico. Nesse sentido Leal e Moraes 2010, também contribuem: “De forma complementar o trabalho pedagógico voltado para a construção de sentidos por meio de ativar conhecimentos prévios relativos aos textos a serem lidos pelos professores ou pelas crianças, assim. Assim, a leitura de imagem deve partir da experiência do aluno em contato com o objeto de conhecimento e não de um roteiro de perguntas que o professor pré-estabelece e direciona, é fundamental, oferecer a oportunidade de pesquisa com seriedade e compromisso”.

4.1.7 Quanto ao objetivo do trabalho com a leitura de imagens

QUADRO 7: Objetivo do trabalho com a leitura de imagens

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Despertar curiosidade, criatividade, fantasia, imaginação e desenvolver desenho e escrita	12
Desenvolver leitura de mundo e compreensão	04

O Quadro 7 mostra que mesmo a maioria dos entrevistados atribuírem valores aos objetivos que o trabalho desenvolvido por meio da leitura de imagens não tem pontuado em seus planejamentos esse trabalho de forma sistemática e intencional como assinalamos a princípio de nosso estudo.

MENDONÇA E LEAL, (2005), complementa que “Em uma perspectiva sociointeracionista, os eixos centrais do ensino da língua materna são a compreensão e a produção de textos. Os livros de imagens estimulam as crianças a ler textos não verbais, que é uma demanda crescente da sociedade moderna. As imagens estão presentes nas ruas, nos outdoors, nas revistas, nos livros. Também na esfera artística, a leitura de imagens é de fundamental importância. ... Os textos de imagens podem ser usados pelos professores tanto para motivar discussões e projetos relativos às temáticas tratadas quanto para desenvolver habilidades e conhecimentos relativos à apreciação artística e argumentação”.

4.1.8 Quanto às oportunidades de uso do livro didático na exploração de imagens

QUADRO 8: Quando utiliza livros didáticos para explorar imagens

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Desenvolver letramento, alfabetização, observação e ampliar a Criar, descobrir o mundo	04
Desenvolver compreensão e imaginação	12

O Quadro 8 Afirma nossas preposições acerca do conhecimento dos professores sobre o quanto é importante para o processo de alfabetização e letramento esse trabalho, pois ainda poucos o vêem como um elemento pedagógico que proporciona além da oralidade a ampliação do o conhecimento. No entanto, é preciso conhecer essas práticas e vivenciar nas salas de aula para articular essa prática de tal forma que como exemplifica Freire: (...) A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Freire, 1989).

Ao analisar os livros didáticos que circulavam e circulam pelas escolas, se nota que apresentam uma diferença, muitos desses livros passaram por reformulações e a qualidade das imagens neles colocadas tem recebido cuidados mais específicos: uma evolução na arte gráfica e a imensa força com que as

imagens contemplam o texto. Para Soares (2005), a criança constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, por meio de situações de letramento, isto é, inserida no contexto, no contato com a necessidade real de conhecer a língua escrita, dominar a leitura.

4.1.9 Quanto à afirmação de que os alunos vivem na era visual

QUADRO 9: Nossos alunos vivem na era visual

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Sim	12
Não	0

O Quadro 9 mostra que todos comungam da mesma afirmação, no entanto desconsideram esse conhecimento. No entanto não vemos essa prática como ponto inicial conforme salientamos são muitas as razões pelas quais os Gêneros são aconselháveis ainda nesse entendimento Backtin (1992), afirma que

“Um dos objetivos da prática de ensino da língua materna é o de que o aluno saiba interpretar e produzir textos coerentes e com opiniões objetivas ao sair do ensino fundamental e médio. Portanto, é através da linguagem que os indivíduos interagem, pensam e produzem opiniões próprias. Com isso, crescem e tornam-se capazes de transformar a sociedade em que vivem”. (Backthin, 1992, p, 28).

No processo de alfabetização a leitura de imagem como linguagem tem o poder de aguçar os sentidos, transmitir os significados que não são transmitidos por nenhuma outra linguagem, tal como a verbal ou a científica.

4.1.10 Quanto à oportunidade dos alunos de contato com diferentes tipos de imagens

Pergunta 10 – Você oportuniza o contato com diferentes tipos de imagens aos alunos?

QUADRO 10: Oportuniza aos alunos o contato com diferentes tipos de imagens

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Contato com imagens aos alunos que não tem acesso à cultura visual.	00

Meios de multimídia	02
Materiais Impressos	10

O Quadro 10 mostra que são por meio dos materiais impressos o trabalho realizado para a leitura de imagens, fundamentamos assim que é de suma importância a formação em relação aos elementos visuais que se encontra em nosso meio, e que os mesmos devem ser utilizados para mediar esses conhecimentos. GERALDI, 1997, corrobora com essa nova visão do que seria preciso ter em mente: “Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – quer envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula”.

4.1.11 Quanto ao objetivo principal com a leitura de imagens na sala de aula

QUADRO 11: Objetivo principal ao planejar aula com leitura de imagem

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Despertar interesse	05
Explorar conceitos e conhecimentos,	01
Desenvolver observação	02
Recurso para desenvolver um tema, conteúdo ou assunto	04

O Quadro 11 mostra que não é atribuído valor a esse tipo de atividade para a exploração de conceitos e conhecimentos, como elencamos em nosso estudo. Pois como observamos este tipo de atividade tem por objetivos estimular a percepção visual, bem como propiciar a comparação, a observação e a capacidade de abstração dos educandos.

Nessa concepção de linguagem Cazarin, 1995, define esta concepção da seguinte maneira: “A preocupação básica é levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas, sobretudo, ao desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que o cerca e, em especial,

sobre a utilização da língua como instrumento de interação social, isso é feito mediante a compreensão, a análise, a interpretação e a produção de textos verbais”

Ler imagens e alfabetizar-se visualmente entre outros objetivos apresenta o fato de que a arte ensina a ver o mundo entre outras coisas, com maior cuidado para poder ver-se como sujeito integrante e participativo desse mundo. Por isso defender o ato de ler imagens no processo de alfabetização torna-se tão importante quanto ler palavras.

4.2 PERSPECTIVA DOS ALUNOS

Participaram da pesquisa, respondendo o questionário 58 alunos do primeiro e segundo ano. A seguir, apresentam-se os dados em quadros e, na sequência de cada um, faz-se a análise com base na fundamentação teórica trabalhada no capítulo 2.

4.2.1 Quanto à situação do aluno no processo de leitura

QUADRO 12: Situação do aluno no processo de leitura

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Ler e escreve com facilidade.	17
Compreende o que lê, mas não escreve.	05
Não sabe ler, mas escreve.	36

O Quadro 12 mostra que a maioria consegue escrever (copiar), mas interpretar é a minoria. E assim, como pontuamos em nosso trabalho é importante incentivar as crianças na produção de textos espontâneos.

Teoricamente, tem-se um processo de alfabetização que é não desligado do letramento. Nesse ínterim, podem-se ressaltar os índices de analfabetismo funcional, ou seja, aquele que registra os que leem, mas não dominam com proficiência a interpretação, ou seja, não conseguem reconhecer nos textos escritos uma forma de comunicação de emancipação.

Para essa afirmação SOARES, 2008 corrobora "A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é,

para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, utilizando-se de quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita; além disso, na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida, não como em concepções anteriores, com textos construídos artificialmente para a aquisição das técnicas de leitura e de escrita, mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita”.

4.2.2 Quanto às atividades que o aluno costuma fazer em sala de aula – leitura de livros de literatura por prazer

QUADRO 13: Atividades em sala de aula – leitura de livros por prazer

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Nunca	29
Às vezes	15
Sempre	14

O Quadro 13 mostra que o trabalho em sala de aula é relativamente precário, Dada a importância de uma sequência, da qual salientamos em nossa fundamentação teórica que não é seguida, sendo necessária que se estabeleça uma rotina didática, a criança necessita de retomada de diferentes tipos de leitura para a consolidação de suas habilidades de leitura e de escrita. Dessa forma, transpor os conteúdos escolares permeado por ações favoráveis à aprendizagem. Tal situação supõe-se então, a superação da dicotomia entre alfabetizado e não alfabetizado busca-se compreender as habilidades de leitura e de escrita, que caracterizam o indivíduo capazes de inserir-se de forma adequada no contexto social, respondendo adequadamente às competências exigidas profissionalmente.

Para essa afirmação temos orientações nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “a prática de leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e continuamente a formação de escritores, isto é, a produção de textos eficazes com origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade (BRASIL, 1997)” Assim, a leitura é o meio norteador da escrita oferecendo subsídios

de como escrever. Não se trata da decodificação de letra por letra, palavra por palavra, mas da compreensão, na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

4.2.3 Quanto à oportunidade de leitura de livros e de imagens

QUADRO 14: Momentos para leitura de livros e leitura de imagens

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Nunca	23
Às vezes	35
Sempre	00

O Quadro 14 mostra reafirmam nossas reflexão acerca das atividades seqüenciadas, ou seja, a prática de trabalhar com implica reconhecer diferentes objetivos e variados recursos.

Portanto oportunizar ao aluno à transformação por meio dos conteúdos escolares não é um investimento com o qual nossos governos priorizam. Diante desse quadro, baseando-se em autores como Soares, Bakhtin e Marchuse, que nos remetem a análise de processos de alfabetização que reconhecem que apesar dos esforços pontuais dos sistemas de ensino estar acontecendo tendo em vista essa superação, ainda percebe-se, que isso não ocorre conforme deveria. Sabe-se que do ponto de vista da alfabetização e do letramento as consequências dessa priori tem apresentado de forma significativa a exclusão de uma grande parcela da população.

4.2.4 Quanto à oportunidade de leitura de fruição

QUADRO 14: Faz leitura de fruição

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Nunca	16
Às vezes	34
Sempre	08

O Quadro 14 mostra que a resposta da maioria torna a reafirmar a questão das atividades que estão fragmentadas e no processo de alfabetização a rotina é necessária para a apropriação das competências lingüísticas, que também foram elencadas em nossa pesquisa. Sob este aspecto, a visão contemporânea de leitura abrange múltiplas linguagens, dessa forma a leitura de imagem antecipam e estimulam as crianças a ler textos não verbais, que é uma demanda crescente de nossa sociedade moderna. As imagens encontram-se presentes em todos os lugares, assim, pode-se sintetizar que a alfabetização e o letramento podem ser mediados com os textos de imagens, tanto para motivar discussões orais, quanto para desenvolver habilidades e conhecimentos relativos à apreciação artística e conseqüentemente competências para o progresso acadêmico.

4.2.5 Quanto à frequência de escrita de bilhetes ou recados

QUADRO 15: Frequência da escrita de bilhetes ou recados

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Nunca	02
Às vezes	22
Sempre	34

O Quadro 15 mostra que em nossos estudos os autores pesquisados pontuaram sobre a importância dessas atividades, pois as mesmas estão associadas ao ensino da língua como comunicação e função social além de possibilitarem trabalhar a alfabetização e letramento de forma indissociada, permitindo uma aprendizagem significativa e contextualizada com a realidade das crianças. Nessa concepção a importância da diversidade dos textos extracurriculares aliado a uma prática cotidiana dará início a uma rotina que se faz necessário a vida escolar dos alunos, visto que, muitos é o único lugar que presenciam a necessidade desse tipo de formação. Propor situações em que os textos a serem escritos, conforme sintetiza Leal (2005), como uma proposta de aprendizagem em espiral, um mesmo gênero pode ser trabalhado em anos escolares dos diversos ou até na mesma série, com variações e aprofundamentos dos versos. No entanto cabe

ao professor criar situações de ensino que favoreçam o processo do alfabetizar letrando.

4.2.6 Quanto à frequência com que trabalha textos de ofertas, promoções, folhetos, jornais, bulas de remédios e outros do gênero em sala de aula

QUADRO 16: Frequência com que trabalha com textos: ofertas, promoções em folhetos, jornais, bulas de remédios em sala de aula

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Nunca	25
Às vezes	22
Sempre	11

O Quadro 16 mostra que o trabalho para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento não se encontra pautada por meio dos gêneros que fazem parte do meio social do aluno, e dessa forma não tem uma função social o trabalho com a escrita, conforme analisamos.

VYGOTSKY, 1998, p. 87, salienta que “a escrita é um processo complexo que deve ser ensinado, a fim de que a criança o internalize e produza com autonomia: “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”. Assim aprender por meio dos Gêneros mostra a interação entre as os textos que circulam em nosso meio. Pois são os mediadores das atividades de interação verbal e escrita. Nesse sentido é preciso que sejam oportunizados por meio de atividades sistemáticas onde a exploração seja peculiar das diversidades textuais, ou tipologias textuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre essa análise utilizamos a obra do professor Menegassi, (2010), que aponta a importância da escrita na comunicação, na perspectiva de que fazer entender o texto escrito necessita de uma seriedade e durabilidade mais relevante que outras formas de comunicação, assim, partem do pressuposto de que a alfabetização deve ocorrer junto com o letramento à leitura de imagem é a priori do processo.

Para a efetivação desse trabalho foi fundamental a observação e a análise de fatores que interferem na formação do leitor ou ainda das competências necessárias para o desenvolvimento de um ensino escolar direcionado ao menos a essa qualificação. Além de ser uma das metas prevista no PNE (Plano Nacional de Educação). Por meio da literatura atualizada, pode-se observar o quanto se faz importante o resgate histórico dos métodos de alfabetização ou ainda entender a deferentes concepções com as quais fomos educados e que ainda permeiam as salas de aula.

Pode-se salientar que a proposta da alfabetização e do letramento por meio das imagens orais é uma possibilidade positiva a promoção dessas habilidades ao proporcionar de forma contextualizada os saberes individuais e locais de cada aluno, oportunizá-los a participação através desse meio é o início de uma caminhada de mediação dos saberes elaborados do senso comum para os saberes acadêmicos ou científicos.

Os debates apontam que a leitura de imagem como mediação para a consolidação da aprendizagem de leitura e escrita dentro de uma perspectiva que abrange múltiplas linguagens são uma das condições para o início de uma caminhada acadêmica. Apontamentos lembram que o percurso que se faz para alcançar a alfabetização e o letramento pode ser afirmado pela importância da leitura e da escrita.

Sintetiza-se, assim, a importância de uma formação continuada aos professores, visto que os cursos de formações de professores não priorizam o debate sobre a alfabetização, dessa forma, por meio de uma capacitação contínua a reflexão acerca de questões sobre as quais debatemos é trazida ao contexto de cada comunidade escolar, assim, como deve ser.

A reflexão teórica acerca das possibilidades de um planejamento que esteja previsto de forma intencional e sistemática atividades relacionadas ao uso de imagens, traz ao meio o conceito das novas concepções de alfabetização e letramento propostos com base na leitura de imagens, elaborado em nossos objetivos gerais que é a formação do aluno que tem em vista a argumentação, dessa forma, o preparo do professor para essa mediação é imprescindível para o desenvolvimento dessa habilidade. Ou seja, não basta colocar as crianças em confronto com a leitura e escrita sem antes atribuir sentido as mesmas. Pois é por meio da antecipação, das hipóteses elencadas em grupo, que a formação do leitor será alcançada.

Em nossas considerações deixamos em aberto a questão sobre o quanto é interessante que novos pesquisadores possam aprofundar sobre essa temática tendo em vista ser um dos recursos mais condizentes em nossa sociedade atual; que é toda visual.

Nesse sentido, concluímos que a leitura de imagem antecede a leitura das palavras, e assim sendo, ambas devem ser trabalhadas com igual importância.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BRASIL. MEC. SEF. **Tecnologias da comunicação e informação**. In: _____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais (5ª parte). Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 133-157.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **PNE (Plano Nacional da Educação)** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997
- BRASIL. MEC. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organização de Alexandre de Moraes. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- CAZARIN, E. A. **Princípios gerais para uma metodologia do ensino de língua Portuguesa**. Ijuí: Unijuí, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.
- IBGE. Banco de Dados Agregados. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 out. 2002.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- LEAL, Telma Ferraz; Brandão, Ana Carolina P. LIMA, Juliana M. O oral como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos: In: 34 a. **Reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós graduação em Educação (ANPED)**, Natal, 2011
- LEAL, Telma Ferraz; Brandão. Estabelecendo metas e organizando o trabalho: o planejamento no cotidiano docente: In. LEAL, Telma F.; MORAIS, Artur G.; ALBUGUERQUE, Eliana B. C. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v1, p.93-112.
- MENEGASSI, Renilson José; SANTOS, Annie Rose dos; RITTER, Lilian Cristina Buzato (Org.) **Escrita e ensino**. Maringá-PR: EDUEM, 2010.
- MENDONÇA& LEAL. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Autentica. 2005. Disponível em >

http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Alfabetizacao_letramento_Livro.pdf.

MORAES, M. CÂNDIDA. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

ROGERS, Carl. **Liberdade de aprender em nossa década**. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. 2. ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização. In. Revista Brasileira de Educação. UFMG, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: As Muitas Facetas**, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

VYGOTSKY, Lev; LURIA, Alexandre; LEONTIEV, Alexey. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.

Anexo A

Este questionário contribuirá para a elaboração da Monografia de Especialização, intitulada: **Imagens como estratégias motivadoras da leitura na alfabetização.**

Tendo como referencial teórico as concepções adotadas no Programa Nacional pela Alfabetização Na Idade Certa – Pnaic – MEC-2009.

Nome: _____ se quiser

Sexo: Feminino ()

Masculino ()

Qual o seu grau de escolaridade?

() Ensino Superior incompleto () Ensino Superior completo() Pós-graduação: _____

Tempo de atuação na área: _____

Questões com base na Dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura de Imagens no Ensino Fundamental

Pergunta 1 – Você elabora e executa seu plano de aula considerando as orientações da proposta pedagógica para a alfabetização e Letramento?

() sim

() não

() As vezes

() sempre

Pergunta 2 – As imagens estão presentes no cotidiano escolar? Como?

() DVD, placa, rótulos, computadores e folder

() Gibis, filmes, painéis,

() obras de arte,

() desenho

() Revistas

() Cartazes

() Livros

Pergunta 3 – Qual o percentual que você atribui a presença da imagem no cotidiano escolar:

() 20% () 50% () 80% () 100%

Pergunta 4 – Onde encontramos a ocorrência da presença das imagens no cotidiano escolar.

() DVD, placa, rótulos,

() computadores e folder

() Gibis, filmes, painéis,

() obras de arte,

() desenho

() Revistas

() Cartazes

() Livros

Pergunta 5 – Você desenvolve a leitura de imagem no processo de alfabetização?

- Sim
- Não
- As vezes

Pergunta 6 – Como você desenvolve a leitura de imagem no processo de alfabetização?

- Através de questionamentos
- Observando imagens
- Textos não verbais e elementos gráficos
- Interpretações diversificadas através de palestras e oralidade

Pergunta 7 – Qual o objetivo do seu trabalho com a leitura de imagens?

- Despertar curiosidade, criatividade, fantasia, imaginação e desenvolver desenho e escrita
- Desenvolver leitura de mundo e compreensão

Pergunta 8 – Quando você utiliza livros didáticos para explorar imagens?

- Desenvolver letramento, alfabetização, observação e ampliar a Criar, descobrir o mundo,
- Desenvolver compreensão e imaginação

Pergunta 9 - Você concorda com a afirmação de que nossos alunos vivem na era visual?

- Sim
- Não

Pergunta 10 – Você oportuniza o contato com diferentes tipos de imagens aos alunos que não tem acesso a cultura visual de que forma?

- Contato com imagens aos alunos que não tem acesso à cultura visual.
- Meios de multimídia
- Materiais Impressos

Pergunta 11 – Quando você planeja uma aula com a leitura de imagem, qual o seu objetivo principal?

- Despertar interesse,
- explorar conceitos e conhecimentos,
- desenvolver observação
- Recurso para desenvolver um tema, conteúdo ou assunto

Anexo B**QUESTIONÁRIO ENTREGUE AOS ALUNOS****I. DADOS PESSOAIS:**

Nome: _____(se quiser)

Sexo: Feminino ()

Masculino ()

Idade: _____Turma: _____

Questões com base na análise das práticas de letramento, segundo as questões elaboradas por Vóvio, 2007. In Rojo, 2009.

1No processo de leitura e de escrita, como você se encontra?

 Ler e escreve com facilidade. Compreende o que lê, mas não escreve. Não sabe ler, mas escreve.

2Dessas atividades, quais as que você costuma fazer em sala de aula (pode assinalar mais de uma)?

Leitura de livros de literatura por prazer.

 Nunca às vezes sempre

3. Em sua turma são oportunizados momentos para leitura de livros e leitura de imagens

 Nunca às vezes sempre

4. Com que frequência você pega livros para folhear sem ter que realizar uma atividade (leitura de fruição)

 Nunca às vezes sempre

5. Com que frequência você usa a escrita de bilhetes ou recados para alguém.

 Nunca às vezes sempre

6. Com que frequência você trabalham com textos como ofertas, promoções em folhetos ou jornais, ou bulas de remédios em sala de aula?

 Nunca às vezes sempre